

AUTORREPRESENTAÇÕES DE MULHERES LÉSBICAS: FACETAS DA LESBOFOBIA E SUAS IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DA LESBIANIDADE¹

AUTO-REPRESENTACIONES DE LAS MUJERES LESBIANAS: FACETAS DE LA LESBOFOBIA Y SUS IMPLICACIONES EN LOS PROCESOS DE SIGNIFICACIÓN DE LA LESBIANIDAD

SELF-REPRESENTATIONS OF LESBIAN WOMEN: FACETS OF LESBOPHOBIA AND ITS IMPLICATIONS IN THE LESBIANITY SIGNIFICANCE PROCESS

Maria Célia Araujo Tomé²

RESUMO: O presente artigo aborda os resultados parciais de uma pesquisa realizada no ano de 2020, na qual se objetivou conhecer as representações sociais de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade, buscando-se compreender, além dos significados atribuídos à própria vivência como mulher lésbica, o papel da família e da sociedade na produção destas representações, bem como as influências do feminismo na construção das mesmas. O estudo, de caráter qualitativo e orientado pelas produções teóricas do feminismo e do lesbofeminismo e pela Teoria das Representações Sociais, produziu seus dados a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas com oito mulheres que se autodesignam como lésbicas. Os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo, possibilitando a organização das informações em categorias temáticas. Os resultados articulam-se em torno de três dimensões específicas: individual, social e política, a partir das quais emergiram, em cada, duas categorias temáticas, respectivamente: a) o processo de autopercepção como lésbica e b) teorizações sobre a lesbianidade; c) repercussões do contexto familiar e d) implicações sociais da lesbianidade; e) o feminismo como possibilidade de compreensão e de transformação e f) um instrumento de luta das mulheres. Nesta discussão, focaliza-se na categoria das implicações sociais da lesbianidade, destacando-se a produção de estigmas e estereótipos como manifestação da lesbofobia, o que contribui sobremaneira para a invisibilização e negação da existência lésbica.

PALAVRAS-CHAVE: Lesbianidade; Mulheres; Representações; Lesbofobia.

RESUMEN: Este artículo aborda los resultados parciales de una encuesta realizada en el año 2020, en la que tuvo como objetivo conocer las representaciones sociales de las mujeres lesbianas, buscando comprender, además de los significados atribuidos a su propia experiencia como mujer lesbiana, el papel de la familia y la sociedad en la producción de estas representaciones, así como las influencias del feminismo en su construcción. La investigación cualitativa, guiada por las producciones teóricas del feminismo y del lesbofeminismo y por la Teoría de las Representaciones Sociales, produjo sus datos a partir de entrevistas semiestructuradas realizadas a ocho mujeres que se describen a sí mismas como lesbianas. Los datos fueron sometidos a Análisis de Contenido, permitiendo la organización de la información en categorías temáticas. Los resultados se articulan en torno a tres dimensiones específicas: individual, social y política, de las cuales emergen, en cada una, dos categorías temáticas, respectivamente: a) el proceso de autopercepción como lesbiana y b) las teorías sobre la lesbianidad; c) repercusiones del contexto familiar y d) implicaciones sociales de la lesbianidad; e) el feminismo como posibilidad de comprensión y transformación y f) instrumento de lucha de las mujeres. En esta discusión, se centra en la categoría de las implicaciones sociales de la lesbianidad, destacando la producción de estigmas y estereotipos entre las manifestaciones de la lesbofobia, que contribuye en gran medida a la invisibilidad y negación de la existencia lesbiana.

PALABRAS CLAVE: Lesbianidad; Mujeres; Representaciones; Lesbofobia.

¹ Pesquisa de PROBIC (Programa de Bolsa de Iniciação Científica) orientada pelo professor Sibélius Cefas Pereira, docente do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Poços de Caldas. sibelius@pucpcaldas.br

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus Poços de Caldas. mariaceato@gmail.com

ABSTRACT: This article presents the partial results of a research accomplished in 2020, in which the objective was to know the social representations of lesbians women about the lesbianity, aiming to understand, beyond the meanings given to the experience itself as lesbians, the role of the family and society in the production in these representation, as the influences of feminism on it. This qualitative study, guided by the production of feminists and lesbofeminist theorists, and the Theory of Social Representation, produced the data from the semi-structured interviews were fulfilled with eight women who call themselves as lesbians. The data were subjected to Content Analysis, which made it possible to organize the information into thematic categories. The results are articulated around three specific dimensions: individual, social and political, from which emitted, in each, two thematic categories, respectively: a) the process of self-perception as lesbian and b) theories about the lesbianity; c) repercussions of the family context and d) social implications of lesbianity; e) feminism as a possibility of understanding and transformation and f) an instrument of struggle for women. This discussion focuses in the categories about the social implications of lesbianity, highlighting the production of stigmas and stereotypes as manifestations of lesbophobia, which contributes greatly to the invisibility and denial of lesbian existence.

KEYWORDS: Lesbianity; Women; Representations; Lesbophobia.

1 INTRODUÇÃO

O imaginário constitutivo da realidade social referente à figura da mulher lésbica corresponde a uma concepção desviante do que representa a categoria lésbica. Definições estigmatizantes marcam a construção histórica desta categoria que, em nossa sociedade, ainda ocupa um lugar de anormalidade e invisibilidade quando reconhecido o papel de transgressão do padrão heterossexual (TOLEDO, 2008).

Tendo-se em vista um cenário marcado por extremos índices de violência como o do Brasil, que em 2016 registrou uma média diária de 13 mulheres assassinadas e outras 135 estupradas (CERQUEIRA *et al.*, 2018), além do contexto lgbtfóbico no qual, no ano de 2018, uma pessoa LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) foi assassinada a cada 20 horas (GGB, 2019), demonstra-se a urgência e importância em se abordar a questão das mulheres lésbicas. Reconhecendo-se as especificidades concretas que atravessam estas existências por serem mulheres e não heterossexuais, os respectivos dados apresentam uma grave situação de vulnerabilidade ao sofrimento psíquico, físico e social que ameaça a realidade das lésbicas brasileiras.

Nesta perspectiva, identifica-se a lesbofobia em suas mais diversas manifestações enquanto um “mecanismo político de opressão, dominação e subordinação das lésbicas cujo núcleo é o sexismo, que articula o machismo, a misoginia e a homofobia” (SILVA, 2016, p.81). Trata-se, portanto, de um conjunto de práticas reveladoras da intolerância frente à orientação sexual e afetiva de mulheres lésbicas (ROCHA, 2017).

Tomando-se como aporte teórico a Teoria das Representações Sociais, uma proposta formulada no âmbito da Psicologia Social e que trabalha com os conhecimentos produzidos e compartilhados no senso comum (MOSCOVICI, 2007; JODELET, 2001), articulando-a às

produções de teóricas do pensamento feminista e lesbofeminista, este artigo resulta de uma investigação na qual se assume como objetivo principal conhecer as representações sociais de mulheres lésbicas sobre a lesbianidade. Como objetivos específicos, ressalta-se: identificar as representações e significados atribuídos à lesbianidade através dos discursos de mulheres lésbicas; compreender o papel da família e da sociedade no processo de produção das representações sobre a lesbianidade; e analisar as influências do feminismo na construção destas representações.

Pensando-se na produção de representações e significados sobre a lesbianidade, termo que nomeia os processos de subjetivação relativos à orientação sexual e/ou identidade política de mulheres que, na relação homoerótica, se atribuem como lésbicas (TOLEDO, 2008), afirma-se que esta experiência só pode ser concebida, enquanto categoria, a partir de uma análise que incida sobre os aspectos históricos e sociais desta construção. Deste modo, é necessário considerar as transformações sociais ao longo do tempo, tanto no desenvolvimento de noções que passam a ser incorporadas ao cotidiano de mulheres lésbicas, quanto “na ocorrência de uma série de mudanças na ciência, na política e na ideologia, possibilitando a produção de uma nova matriz” (BORGES, 2008, p.16).

Assim, este trabalho justifica-se pela identificação da escassez do tratamento do tema no contexto acadêmico, fazendo-se necessário reconhecer que, de fato, há poucos estudos sobre as lesbianidades se comparados a outras pesquisas referentes à sexualidade humana ou à homossexualidade masculina. Assim, como afirma a historiadora Tania Navarro-Swain (2000, p. 13) “o que a História não diz não existiu”, e portanto, ao investigar os sentidos atribuídos por lésbicas às suas lesbianidades, mais do que favorecer a produção teórica sobre o tema, esta pesquisa visa contribuir para a visibilização dessas existências, historicamente apagadas, distorcidas e incompreendidas, destituídas do poder de fala e do reconhecimento enquanto categoria política.

Ademais, ao evidenciar os discursos destas mulheres, além de sua utilização como categoria de análise, busca-se atingir as interdições impostas às vozes lésbicas, de maneira a romper com “o silêncio abissal que envolve a prática homossexual feminina e a falta de inscrição do discurso lésbico na cena pública brasileira” (ALMEIDA, 2004, p. 2).

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa realizou-se no âmbito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica, Tecnológica e Inovação (PROBIC) da PUC Minas *campus* Poços de Caldas – MG, no ano de 2020. Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, do tipo descritivo.

Assumindo-se que o trajeto percorrido na busca pela compreensão da representação deve considerar a produção subjetiva das/os sujeitas/os sobre a realidade, de modo que a linguagem desponta como um importante instrumento de visualização e expressão de tais representações utiliza-se, nesta investigação, entrevistas semiestruturadas como técnica para a coleta de dados. Esta escolha demonstrou-se adequada aos objetivos propostos, tendo em vista a especificidade deste recurso em propiciar um “processo de negociação de sentidos entre o/a pesquisador/a e o/a entrevistado/a, pois na sua processualidade mantém, transforma e desafia os posicionamentos que vão ocorrendo durante a sua produção” (ARAGAKI *et al.*; 2014, p.59).

Contextualiza-se a necessidade de realização das entrevistas na modalidade virtual. Diante da situação de pandemia do novo coronavírus no ano de 2020, o recurso tecnológico mostrou-se necessário e apropriado. Assim, as entrevistas foram realizadas através do *Google Meet*, uma aplicação virtual gratuita e acessível, disponibilizada para instalação em computadores e celulares, possibilitando que as conversas ocorressem de forma síncrona.

As oito entrevistas, realizadas individualmente, ocorreram entre os meses de setembro e outubro do ano de 2020 e duraram, em média, 45 minutos. O roteiro semiestruturado contém questões que abarcavam desde o processo de autopercepção como mulher lésbica, passando-se pelas concepções compartilhadas pela família e pela sociedade segundo a visão das participantes da pesquisa, até o tema do feminismo como possível influência para a produção de representações acerca da lesbianidade.

Ressalta-se, ainda, a valorização da postura ética no presente trabalho. Desde a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética da Universidade e sua posterior aprovação, a elaboração do Termo de Consentimento a ser assinado pelas participantes, até a atenção dada à proteção das informações que possibilitassem a identificação das sujeitas deste estudo, o compromisso ético permeou as várias etapas da pesquisa. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido foram enviados às entrevistadas, que receberam todas as informações sobre o preenchimento e envio do documento assinado, de modo que todas digitalizaram e enviaram os Termos devidamente preenchidos à pesquisadora.

2.1 Caracterização das entrevistadas

Participaram desta investigação oito mulheres cisgênero, com idades entre 21 e 36 anos, que se autodesignam como lésbicas. Seis residiam em uma mesma cidade de tamanho médio localizada ao sul de Minas Gerais, uma em uma cidade de pequeno porte do mesmo estado, e uma na capital do estado de São Paulo.

Tabela 1 – Dados das participantes da pesquisa

NOME*	IDADE	OCUPAÇÃO	PESSOAS COM QUEM MORA	AUTOATRIBUIÇÃO ÉTNICO-RACIAL
Participante 1	24 anos	Estudante	Colegas de faculdade	Branca
Participante 2	23 anos	Estudante	Pais	Branca
Participante 3	26 anos	Estudante	Avó	Branca
Participante 4	21 anos	Estudante	Colega de faculdade	Branca
Participante 5	36 anos	Geógrafa e professora	Sobrinho	Amarela/Parda
Participante 6	34 anos	Bióloga e pesquisadora	Mãe	Branca
Participante 7	30 anos	Contadora	Sozinha	Negra e mestiça
Participante 8	36 anos	Contadora	Esposa e filha	Branca

* Para garantir o anonimato das entrevistadas, todas serão identificadas como (Pn), sendo a letra “P” referente a participante, e “n” o respectivo número, de 1 a 8, seguindo-se a ordem de ocorrência de cada entrevista.

2.2 Procedimentos da análise dos dados

A seguir da realização e transcrição integral das entrevistas, enumerando-se todas as linhas do conteúdo transcrito, realizou-se a leitura e revisão do material coletado a fim de se cumprir com os objetivos propostos. A partir disto, as informações recolhidas foram submetidas à Análise de Conteúdo, uma proposta que se refere a “técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 2014, p. 303).

O desenvolvimento de uma análise de conteúdo determina a execução de algumas etapas, que possibilitem à/ao pesquisadora/or definir e classificar as unidades de sentido de modo a desvendar novas significações, a fim de conferir legitimidade à composição da pesquisa (BARDIN, 2011). Assim, conforme a proposição de Laurence Bardin (2011), a análise de

conteúdo constitui-se em três etapas fundamentais, sendo estas: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira fase é dedicada à organização das etapas de análise, com o objetivo de “tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas em um plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 123). Assim, nesta etapa, realizou-se uma leitura exaustiva do conteúdo produzido pelas participantes, procedimento definido pela autora supracitada como “leitura flutuante”, a partir da qual se estabeleceu uma primeira aproximação com o texto.

Em seguida, efetuou-se a escolha dos documentos, retomando-se os objetivos da pesquisa para a seleção dos conteúdos significativos ao cumprimento daqueles. Neste momento, estipulou-se o *corpus* do estudo, ou seja, o “conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARIDN, 2011, p.126).

Após tais procedimentos, delimitou-se as unidades de codificação ou de registro, em que “[...] executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o ‘tema’, enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a ‘palavra’ ou a ‘frase’” (BARDIN, 2011, p.134).

Na presente pesquisa, optou-se pela utilização de uma análise temática que, conforme apontado pela autora, enquadra-se como uma categoria semântica. Enquanto unidade de registro, o tema corresponde a uma regra de recorte (do sentido e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte não parte de manifestações formais reguladas, mas é dependente do nível de análise. O tema é a unidade de significação que se sobrepõe ao texto analisado a partir de certos critérios relacionados à teoria que serve de base à leitura (BARDIN, 2011).

A partir de tais procedimentos, realizou-se a exploração do material, segunda etapa do processo, dedicada à operação de codificação, compreendida pelo recorte (escolha das unidades), enumeração (determinação das regras de contagem) e classificação (escolha das categorias). Nesta etapa, agregaram-se as unidades de registro, estabelecendo-se as categorias que emergiram das falas das entrevistadas.

Finalmente, na terceira fase, em que se trabalhou com os resultados obtidos e a interpretação destes, os dados brutos puderam ser tratados de maneira significativa (BARDIN, 2011). Seguindo-se o procedimento de análise temática, inicialmente, os conteúdos foram agregados de acordo com três temas referentes a dimensões específicas da constituição subjetiva e social das lésbicas participantes.

Desta maneira, os resultados foram articulados em torno de três eixos temáticos, assim denominados: dimensão individual, dimensão social e dimensão política. Em cada um destes eixos emergiram duas categorias temáticas, respectivamente: a) o processo de autopercepção como lésbica e b) teorizações sobre a lesbianidade; c) repercussões do contexto familiar e d) implicações sociais da lesbianidade; e) o feminismo como possibilidade de compreensão e de transformação e f) um instrumento de luta das mulheres.

No presente artigo, focaliza-se na segunda categoria da dimensão social, qual seja, “Implicações sociais da lesbianidade” e suas respectivas subcategorias, conforme demonstradas no Quadro 1:

Quadro 1 – Categorias temáticas e subcategorias da Dimensão Social

Eixo temático	Categorias Temáticas	Subcategorias
Dimensão Social	Repercussões no contexto familiar	<ul style="list-style-type: none"> • Incorporação e reprodução de preconceitos • Influências da religião • Novas concepções
	Implicações sociais da lesbianidade	<ul style="list-style-type: none"> • Estigmas e estereótipos • Invisibilidade social da mulher lésbica

3 DISCUSSÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Implicações sociais da lesbianidade

Nesta categoria temática, buscou-se agrupar os conteúdos elaborados pelas entrevistadas relativos ao modo como a lesbianidade é concebida nos meios sociais em que estas mulheres estão inseridas. Faz-se necessário realçar que, especificamente nesta categoria, algumas elaborações aludem à diferenciação de dois grupos distintos entre as entrevistadas: as mulheres que, no momento da entrevista, eram estudantes universitárias (metade do total de sujeitas que compõem o *corpus* desta análise); e as lésbicas que estavam inseridas no mercado trabalho (a outra metade das participantes da pesquisa).

Tendo-se em vista que esta categoria objetiva apresentar quais são, segundo as entrevistadas, as noções que circulam sobre a lesbianidade em seus respectivos espaços de socialização, os elementos aqui considerados focalizam-se em alguns determinados ambientes, tais como na universidade, no local de trabalho, nos espaços de lazer e em locais públicos de modo geral. Considerando-se a busca pela compreensão das representações sociais, que “[...] estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros” (JOVCHELOVITCH, 1999, p.65), os aspectos em torno das implicações sociais da lesbianidade oferecem possibilidades de entendimento acerca de algumas representações.

3.1.1 Estigmas e Estereótipos

Congregando-se manifestações de desrespeito, assédio e violências simbólicas, citadas e vivenciadas pelas entrevistadas, articulou-se a primeira subcategoria deste eixo temático, *Estigmas e estereótipos*. Algumas vezes considerados como sinônimos, ainda que ambos os termos representem mecanismos de depreciação, ancorados em estruturas hierárquicas e legitimados pela demarcação de um/a suposto/a superior e um/a dominado/a, estes conceitos devem ser analisados a partir da noção de complementariedade (TOLEDO, 2008).

Enquanto que a estigmatização refere-se a processos intrínsecos às relações de poder, isto é, o estigma especifica uma hierarquia e determina a pessoa que desqualifica e aquela que será a estigmatizada, os estereótipos dizem respeito a noções “cristalizadas nas subjetividades, sendo tomados como ‘verdades’ inalteráveis, relativos ao modo como o indivíduo se expõe socialmente” (TOLEDO, 2008, p.23). O estereótipo constitui um espaço de representação, o qual se desvela no processo de estigmatização.

A seguir, recuperam-se trechos do material coletado e representativos de alguns estereótipos sobre a lesbianidade:

[...] eu não tenho cabelo curto porque as lésbicas têm cabelo curto. Eu tenho cabelo curto porque eu gosto de cabelo curto, entendeu? E eu já vi vários comentários do tipo: ‘ah, você tem cabelo curto, né, você é lésbica?’... eu não sei... eu não sei se é exatamente em um sentido de preconceito ou estereótipo [...] (P.6, 34 anos).

Neste trecho, a participante 6 comenta sobre o imaginário social de que “lésbicas têm o cabelo curto”. A sua dúvida remete-se à classificação desta colocação, se esta representa um estereótipo ou um preconceito. Mais adiante, ela acrescenta:

[...] na forma como me vestir, não ter um padrão feminino de ser, que é... sei lá... é porque eu também acho isso um estereótipo, mas, vamos dizer assim: batom, salto alto, cabelão, maquiagem... eu não tenho isso, né? E aí, para muitas pessoas é o padrão de feminilidade. E eu sinto que isso gera também esse meu ser, né, despojado, em ser quem eu quero ser... e isso sempre incomoda as pessoas nesse sentido (P.6, 34 anos).

Aqui, percebe-se a listagem de várias características, dentre elas o cabelo curto, agrupadas em torno de um estereótipo associado à feminilidade. Para P.6, o conjunto de elementos que fundam o seu ser, em suas palavras, “despojado”, causa desconforto nas pessoas. A forma de expressão de P.6 rompe com todo um sistema instituído no imaginário social acerca dos elementos necessários a uma mulher para que seja considerada enquanto tal. Trata-se de um modelo de feminilidade concretizado na heterossexualidade enquanto uma norma e nas relações assimétricas entre os corpos sexuados (NAVARRO-SWAIN, 2000).

Ao rejeitar uma série de atributos considerados elementos representativos deste padrão, qual seja, o considerado “feminino”, a entrevistada produz uma ruptura em profundos modelos pré-determinados de feminilidade atribuídos à mulher, de modo a confrontar com concepções há muito arraigadas nos valores e nas representações que circulam na sociedade. Segundo Patrícia Lessa (2007): “No contrato heterossexual, a construção da feminilidade é colocada como equivalente à ‘verdadeira mulher’, ou seja, sua nomeação como mulher implica estar assujeitada a esse sistema social que a cria como heterossexual” (LESSA, 2007, p.125).

Na organização binária do social, em que mulheres e homens, forjados nas práticas sociais enquanto um par, encarnam os papéis de “verdadeira” mulher e de “verdadeiro” homem, emerge com potencialidade, reforçada pelo próprio binarismo, a noção de oposto complementar (NAVARRO-SWAIN, 2004). Diante disto, refletir sobre a inscrição de estereótipos à figura da mulher lésbica implica questionar toda a estrutura de uma sociedade fundada em opostos, hierarquizados e assimétricos, em que “‘a mulher’, pensada como oposto e complementar ao homem foi marcada com o selo do natural, da passividade, da sensibilidade, da fragilidade” (NAVARRO-SWAIN apud. LESSA, 2007, p.10), de modo que tais atributos passem a ser situados como constitutivos de uma feminilidade inerente ao ser mulher.

Outra questão bastante representativa dos aspectos de estigmatização percebidos pelas participantes desta pesquisa, remete-se ao estereótipo da lésbica como um fetiche. Trata-se da colocação, violenta e usurpadora da expressão e manifestação da liberdade, da lésbica ou o do

casal lésbico enquanto um objeto sexual, em que a existência lésbica é concebida como uma finalidade de satisfação dos desejos masculinos.

[...] não posso ficar do lado da minha namorada que fica cara olhando pra mim, achando que a gente é algum objeto sexual. Isso é um saco, é muito chato, é constrangedor, é humilhante... eu acho que mulher nenhuma merece isso (P.4, 21 anos).

[...] mas sempre tem aquela... o homem tem um fetiche, eu acho, em mulher lésbica. Aquela piadinha de querer... 'ah, você não pode dar um beijo na sua amiga pra eu ver?'... sempre foi assim, até na adolescência [...] (P.7, 30 anos).

Tais fragmentos revelam o desconforto e o constrangimento destas mulheres ante a situações em que suas relações são deslegitimadas, desacreditadas e postas em um status de inferioridade, tendo em vista a posição em que os homens, através de seus comentários fantasiosos e invasivos, colocam-se em uma suposta posição de espectadores. Trata-se de uma visão, conforme observa Toledo (2008), que atrela lésbicas à pornografia, por meio de um rótulo estabelecido “[...] para reforçar a ideia de dominação das mulheres pelos homens, considerando o relacionamento entre elas, e para o prazer delas, como ilegítimo” (TOLEDO, 2008, p.182).

Este posicionamento reafirma a colocação da mulher à condição de objeto de desejo masculino ao modo que os homens se firmam enquanto observadores. Estabelece-se, desta maneira, uma dinâmica de fetichização marcada pela erotização dos corpos femininos (ROCHA, 2017), em que os homens se dispõem como “[...] portadores do olhar e as mulheres o objeto do ver” (LAURETIS, apud LESSA, 2007, p.32). O trecho a seguir é significativo da noção expressa pelas autoras:

[...] homem heterossexual tem muito, a maioria, não estou falando que são todos, mas, a maioria tem essa ideia de que mulher homossexual é só pra suprir o fetiche deles [...] por que mulher vai gostar de mulher? Ela só tá gostando de outra mulher pra satisfazer meus próprios fetiches, pra me chamar atenção. Então, eu vejo muito isso na faculdade, várias vezes já ouvi as pessoas falando isso pra mim, que... como se eu fosse um objeto sexual para um homem (P.4, 21 anos).

A crença nas experiências lésbicas enquanto práticas voltadas exclusivamente ao olhar masculino, traz em seu fundamento uma outra noção, qual seja a de que, mesmo em um relacionamento entre duas mulheres, um homem jamais deve ficar de fora. De acordo com Reino (2005), recuperada por Toledo (2008), trata-se de uma ideia estabelecida há séculos. Em referência às descrições pornográficas do sexo entre mulheres disseminadas na literatura europeia do século XVII, descreve a autora:

O erotismo feminino se faz, definitivamente, espetáculo até ao ponto em que muitos autores teatrais assumem que um pouco de lesbianismo contribui para chamar a atenção do público masculino; nada se sabe do que pensava o público feminino. Este lesbianismo contado pela ótica masculina, e que já não se oculta, terá consequências que se prolongarão no tempo já que estes escritores contribuem com suas criações para fixar um modelo de lésbica e de relações lésbicas que chegou até os dias de hoje (REINOSO apud TOLEDO, 2008, p.182-183).

Como exemplo do impacto destas representações, contextualizando-as na cena contemporânea, Tânia Navarro-Swain (2004) ressalta que: “na produção pornográfica é mesmo comum relações entre mulheres, à espera de um homem, quando então o ‘verdadeiro’ sexo começa [...]” (NAVARRO-SWAIN, 2004, s.p). Ao encontro de tal perspectiva, a participante 7 aponta:

Porque se você joga aí num site pornô ‘lésbicas’, você vai achar muito material, mas você não vai achar esse mesmo material com uma coisa mais séria! Com qualquer outro tipo de... como o lesbianismo, né, você não vai achar [...] (P.7, 30 anos).

Como se pode perceber, impregnam-se na sociedade estereótipos e estigmas acerca do que constitui a figura lésbica. Compartilhadas através da literatura, da mídia, das conversas e comentários no cotidiano, as construções estereotipadas em torno destas existências invadem o imaginário social e instalam-se nas subjetividades e nos discursos como verdades inalteráveis. Outros exemplos podem ser observados nos trechos que se seguem:

Esses tios... me chamaram pra conversar, porque achavam que, na verdade, o problema era o meu ex-marido. Tipo... que ele não foi homem o suficiente, algo assim. Eles me falaram que achavam desperdício eu ser lésbica [...] (P.8, 36 anos).

[...] essa questão de aceitarem, entre aspas, duas mulheres, mas dois homens, não. Isso não é aceitação, isso daí é assédio. Isso é assédio! Porque as pessoas ficam imaginando duas mulheres, e aí tudo bem, né? (P.5, 36 anos).

[...] tem muito a fetichização, né? A erotização das mulheres, de relações e... das nossas relações elas serem só assexuais, elas não são afetivas. Isso se percebe muito, porque o que mais tem é homem dando em cima de casal lésbico, e assediando dessa maneira (P.2, 23 anos).

Nestes recortes, verificam-se duas informações importantes relativas aos processos de estigmatização de mulheres lésbicas. No primeiro trecho, a informante traz uma teorização, produzida por homens heterossexuais de seu contexto, que busca explicar a lesbianidade: trata-se de um problema do homem com quem esta mulher se relacionou, e não de uma questão exclusiva da mulher. Aqui, percebe-se novamente o homem, enquanto sujeito universal e mo-

delo de referência, a ser considerado em todas em relações e situações estabelecidas, inclusive, despontando-se como o referencial para se pensar a própria existência lésbica.

Ademais, refletindo-se sobre outro estereótipo trazido por estes homens, qual seja o que “lésbicas são um desperdício”, aproveita-se de alguns questionamentos lançados por Toledo (2008, p. 185, grifo da autora) em sua dissertação: “*Desperdício do quê? Para quem? Seria o desperdício de um útero reprodutivo para a proliferação da espécie? Ou desperdício de uma mulher disponível aos homens? O desperdício de um corpo disponível e obrigado a dar prazer aos corpos masculinos?*”.

A segunda informação relevante, retirada dos dois últimos trechos recuperados acima, trata-se da percepção das participantes frente ao estereótipo da fetichização enquanto uma manifestação de assédio. Isso indica o constrangimento causado pelas atitudes, comentários e descrições ofensivas e invasivas direcionadas às mulheres lésbicas em tons coercitivos e de intimidação, como uma resposta à deslegitimação das relações lésbicas, pois:

O fetiche masculino de que as lesbianas estariam à disposição do olhar do homem e que somente seriam satisfeitas com a sua presença, imprime a equivocada percepção de que a existência lesbiana seria mais tolerada do que a homossexualidade masculina. Observa-se, no entanto, justamente o contrário, pois diferentemente da homossexualidade masculina, que não precisa ser comprovada, tampouco é questionada, as relações lesbianas são deslegitimadas e invisibilizadas (ROCHA, 2017, p. 120).

Ainda sobre o sentimento de constrangimento ante a comentários invasivos que, no exemplo que se segue, trata-se de colocações disparadas por homens do contexto profissional onde se insere esta sujeita, comenta a participante 7:

[...] os homens, eu percebo que eles acham que têm uma certa intimidade comigo pelo fato de eu ser lésbica. Essa intimidade é como se eles me tratassem como se eu fosse um homem, como se eu fosse um colega de trabalho deles, sabe? A gente está na janela, vê alguém, uma menina, e eles param a conversa pra fazer aquele comentário machista: ‘nossa, olha que linda! Você não acha, P.7?’ [...] (P.7, 30 anos).

Por fim, ao sintetizar as noções aqui estabelecidas, relacionando-se estigmas e estereótipos aos impactos provocados por tais manifestações na vida de mulheres lésbicas, retoma-se, novamente, Toledo (2008):

Os discursos reiterados sobre a lesbianidades são amplamente pautados na dominação masculina. Se, por um lado, a mulher é entendida como desprovida do desejo sexual, a relação lésbica é deslegitimada na visão idílica assexuada, e se, por outro, é vista como desejo sexual legítimo, as lésbicas são entendidas como promíscuas e sua relação é posta a serviço do prazer masculino (TOLEDO, 2008, p. 182).

3.1.2 Invisibilidade social da mulher lésbica

Outra questão levantada pelo grupo de entrevistadas refere-se à *invisibilidade social da mulher lésbica*, segunda subcategoria articulada em torno dos conteúdos associados à categoria temática das implicações sociais da lesbianidade. Conforme as elaborações das sujeitas desta pesquisa, a pauta da visibilidade lésbica assume duas dimensões: uma que aborda a invisibilidade a partir de uma perspectiva comparativa no âmbito político dos movimentos sociais, mais especificamente, o feminismo e o movimento homossexual; e a segunda, parte de elucidações que se empenham em explicar a invisibilidade como uma consequência da sociedade patriarcal e machista.

No geral, as entrevistadas que se referiram à invisibilidade lésbica a partir de uma perspectiva de movimentos sociais, tomaram como foco o movimento homossexual ou o feminismo, e realizaram uma comparação, identificando a invisibilidade lésbica como um fator recorrente nestes espaços de organização política:

[...] apesar de ter assuntos falando sobre o mundo LGBT, eu acho que está bem atrás ainda o assunto de lésbicas. Você vê mais talvez questões cis e trans, o gênero e também relações homoafetivas em questões de gays, mas o bissexual e tanto o lesbianismo talvez ainda esteja meio defasado (P.1, 24 anos).

[...] os homens gays sempre foram mais visibilizados. Será que não tá seguindo a mesma corrente do patriarcado? De sempre homens serem mais visibilizados e mulheres não? (P.6, 36 anos).

[...] o que mais tem é voltado pro lado dos homens [...] Sempre bem mais focado no homem. Quando focado em um dos gêneros, no homem [...] (P.3, 26 anos).

[...] principalmente o feminismo negro e o feminismo LGBT a gente não tem! Ninguém fala sobre isso [...] (P.4, 21 anos).

Nos três primeiros relatos, as participantes remetem-se a vivências e estudos que abordam a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais), apontando para uma insipiência na abordagem do tema da lesbianidade. Já o relatado pela participante 4, diz respeito à inexistência de debates, no contexto do feminismo, que abarquem as mulheres negras e mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais.

O reivindicado acima corrobora com os apontamentos de autoras no que tange à constatação do silêncio que envolve a figura de mulheres lésbicas nas pesquisas sobre os movimentos sociais e nas teorias feministas. Segundo Maria Célia Selem (2007, p. 65) “[...] é comum encontrarmos pesquisas sobre ‘movimentos homossexuais’ numa perspectiva hegemô-

nica ou ‘movimentos de mulheres’ pela ótica da divisão do trabalho, com pouca discussão sobre a construção da categoria mulher e homossexual”.

Aqui, torna-se válido, ainda, recuperar outra autora que adverte sobre os estudos acerca da homossexualidade enquanto produtores desta invisibilização que, a partir da inclusão de lésbicas à categoria “homossexual”, acaba por desconsiderar as especificidades destas sujeitas. Zuleide Silva (2016, p. 79) atrela a invisibilização lésbica à própria rejeição do conceito de lesbofobia, considerando-se que “o apagamento do termo lesbofobia é produzido por um regime habitual da subalternidade caracterizado pela invisibilidade do sujeito subalterno”.

Alguns relatos ainda versam sobre a invisibilidade lésbica como decorrência do sistema patriarcal sobre o qual se ancora o pensamento social. Nos trechos que se seguem, percebe-se que o machismo é apontado pelas participantes como o fator que impede a visibilidade de mulheres lésbicas.

Eu penso que a gente vive numa sociedade muito machista. A preocupação é maior de entender o homossexual e os trans; lésbicas são mais fetiches. Na verdade, não levam muito a sério [...] (P.8, 36 anos).

Eu acho que enquanto tiver homens nesses altos graus de comando, a gente não vai conseguir contar nossas histórias, pelo menos não pelos meios tradicionais [...] (P.2, 23 anos).

[...] o machismo não deixa! A mulher não tem voz e a mulher lésbica tem... pior, tem menos ainda! [...] eu acho que a mulher ainda não tem esse espaço, não é só a lésbica, eu acho que é a mulher [...] A mídia não trabalha em cima disso! [...] e a mídia tem o poder, né, de... de colocar uma pessoa ali no alto, em foco, mas você não vê ela fazendo isso... eles estão tentando colocar em foco uma mulher é... uma mulher negra, mas você não vê eles fazendo isso com uma mulher negra e lésbica (P.7, 30 anos).

[...] quando você vê na internet, em redes sociais, em mídia você vê muito mais visibilidade de homem gay do que mulher. Não que mulher não tenha representatividade, mas porque não há espaço, não é? [...] hoje, nós, mulheres, a gente está buscando muito mais o nosso espaço (P.5, 36 anos).

Pensando-se nas formulações destas sujeitas frente ao machismo, deve-se levar em conta um universo representacional que afirma um “mundo onde a sexualidade masculina dita as normas” (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 83). E como uma estratégia de garantia do poder masculino, aponta-se a heterossexualidade com o principal instrumento de sujeição e apropriação das mulheres (RICH, 2010).

Entendendo-se o sistema sexista enquanto legitimador do apagamento e da negação das relações homoeróticas femininas, tem-se que o machismo opera através de distintas formas de poder e dominação.

O machismo diz: Que ousadia essas lésbicas quererem se equivaler a um homem! Que ousadia acreditarem poder tomar para si os objetos de prazer dos homens! Que ousadia acharem poder circular no espaço masculino que é, e sempre foi do homem! Como ousam não servir para o prazer dos homens? (TOLEDO, 2008, p. 210).

Retomando-se os dois últimos trechos das entrevistadas citados anteriormente, percebe-se uma noção de invisibilidade estendida, que abrange a todas as mulheres como sendo silenciadas pela mídia. Em especial, a participante 7 faz uma referência à interseccionalidade que, segundo Cardoso (2012 apud SILVA, 2016, p. 122), trata-se de um conceito “forjado nos anos 80 por feministas negras norte-americanas preocupadas em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam”.

Ao apontar que, atualmente, a mídia tenta romper com uma invisibilização histórica ao buscar representar uma mulher negra, mas que o mesmo não ocorre com uma mulher negra e lésbica, a participante 7 sugere que a simultaneidade de opressões, como a de raça e de sexualidade, determina uma vulnerabilidade a diversas formas de discriminação especificamente postas no caso de uma mulher negra e lésbica. Audre Lorde (2019, p. 235) aponta, neste sentido, para uma relação entre opressões, atribuindo um denominador comum às formas de dominação ao enfatizar que:

Eu aprendi que sexismo (a crença na superioridade inerente de um sexo sobre todos outros e, assim, seu direito de dominar) e heterossexismo (a crença na superioridade inerente de uma forma de amar sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar) vêm, os dois, do mesmo lugar que o racismo - a crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras e, assim, seu direito de dominar (LORDE, 2019, p. 235).

Já no último recorte citado anteriormente, a participante 5 destaca o fato de que, mesmo que os espaços na mídia e nas redes sociais ainda tenham uma grande limitação frente a presença lésbica, sendo os conteúdos sobre homossexualidade dirigidos predominantemente a homens gays, atualmente, as mulheres, no geral, e as lésbicas, em específico, vêm buscando pelo seu espaço. Trata-se, aqui, de uma perspectiva do tempo, atribuindo-se um sentido de continuidade e avanço, como se as lésbicas estivessem atrás, mas chegando.

[...] essa pauta de visibilidade que a gente sente, porque eu também sinto, né, que é realmente não ter essa parte mais destacado de ser lésbica no... sabe? Do poder falar, do poder gritar para o mundo seja da forma que for, ela é nova, eu sinto que ela é nova ainda. As pessoas estão produzindo agora, as pessoas estão querendo falar agora, entendeu? Então, eu penso que é só questão de tempo, entende? (P.6, 34 anos).

Ancorando-se em uma dimensão do tempo como uma forma de se refletir sobre o processo de invisibilização, a entrevistada 6 traz um posicionamento que sugere possibilidades de superação da invisibilidade, do silenciamento, da lesbofobia e das tantas táticas, elaboradas e disseminadas pelo sistema de controle patriarcal, que visam ao controle dos corpos das mulheres. Deste modo, observa-se ainda, algumas passagens em que as entrevistadas acreditam haver uma maior visibilidade nos dias de hoje, especialmente na mídia e em termos de direitos, ainda que a considerem como uma “visibilidade restrita”, como se segue:

[...] eu acho que a gente está começando a ter muitas séries que abordam esse tema, filmes, muitos superestimados e muitos é... como fala... que reproduzem muitos estereótipos, sim. Mas, é alguma coisa, eu acho. Igual ‘Azul é a Cor Mais Quente’, muita gente fala que ali é uma relação um tanto quanto complicada, porque ela é uma mulher mais velha do que a menina, só que é o que a gente tem de referência, sabe? Acho que com o tempo vamos ter mais referências, vamos ser referências [...] (P.2, 23 anos).

[...] hoje, mesmo com todos os preconceitos, nós temos já leis, né, uma visibilidade muito maior, né [...] (P.5, 36 anos).

[...] hoje em dia, eu acredito que... por trabalhos como o seu, né, que as pessoas falam, que as pessoas discutem, abrem para conhecimentos diferentes, né? Então, tudo está mais fácil. Você se assumir hoje em dia, a depender da sua relação com a sua família, do seu mundo, né, mais natural falar hoje, sabe? Até pouco tempo atrás [...] ainda era mais difícil do que hoje, né? (P.6, 34 anos).

A partir do exposto e buscando articular as duas subcategorias resultantes desta pesquisa e que foram abordadas neste artigo, atenta-se para as armadilhas de uma visibilidade forjada. Para Navarro-Swain (2000, p. 73), a visibilidade que atravessa a mídia, ainda que possibilite o vislumbre de um “[...] contra-imaginário em marcha na transformação dos papéis fixos de gênero e de sexualidade, uma imagética colorida e atraente ressuscita com vigor os estereótipos que, quando não físicos, são psicossociais”.

Por fim, torna-se imprescindível ao debate em torno da visibilidade lésbica trazer alguns eventos históricos, exemplos da resistência, organização e articulação entre mulheres, protagonizados pelas lésbicas brasileiras. Assim, resgata-se o dia 29 de agosto, data que marca o Dia Nacional da Visibilidade Lésbica em homenagem ao primeiro SENALE (Seminário Nacional das Lésbicas), que ocorreu em 29 de agosto de 1996. Para a formalização desta data, destacam-se as intensas reivindicações de grupos e coletivas organizadas por mulheres lésbicas, que demandaram por anos, até a instituição desta data durante a quinta edição do SENALE, em 2003 (SELEM, 2007).

No entanto, aponta-se que o reconhecimento desta data diverge entre a militância lésbica brasileira, visto que o dia 19 de agosto – Dia Nacional do Orgulho Lésbico, também é sig-

nificativo na história dos movimentos lésbicos do país, e marca a primeira manifestação política lésbica que se tem registro no Brasil (LESSA, 2007). A data de 19 de agosto faz referência ao dia em que o Ferro's Bar, um estabelecimento que, na época, localizava-se no centro da cidade de São Paulo, foi ocupado pelo protagonismo lésbico, no de 1983. Após haver a proibição da circulação do Boletim *ChanacomChana* (Jornal dirigido ao público lésbico publicado em 1981) no local, militantes lésbicas, com o apoio de feministas e alguns gays, invadiram o bar reivindicando a divulgação do Boletim naquele ambiente, obtendo, assim, a permissão para a venda do material (MARTINHO apud LESSA, 2007).

A partir da retomada acerca destas duas datas emblemáticas para as lésbicas no Brasil, observa-se que a visibilidade se trata de um tema prezado e representativo da realidade lésbica. Ainda que os eventos ocorridos nos anos 1980 e até os mais recentes, no início dos anos 2000, sejam de conhecimento restrito a grupos ou coletivas específicas, engajadas no feminismo lésbico como ação política e produção intelectual, o significado da luta pela visibilidade se faz presente no cotidiano lésbico, independentemente da filiação destas mulheres a movimentos sociais, políticos ou grupos de estudos e pesquisa.

Ademais, pontua-se a importância desta visibilidade a partir de um significado que ultrapasse a livre expressão de vivência da afetividade entre mulheres. Trata-se, antes de tudo, de visibilizar os questionamentos frente a sociedade sexista e patriarcal, e de confrontar a heterossexualidade compulsória vinculada a este sistema (NAVARRO-SWAIN, 2000).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentou-se parte dos resultados obtidos em uma pesquisa na qual se buscou conhecer as autorrepresentações sobre a lesbianidade. Mais especificamente, focalizou-se nas implicações sociais da lesbianidade, uma categoria temática emergente das conversas realizadas com as oito mulheres lésbicas que participaram desta investigação.

Os relatos recuperados expõem diversas manifestações lesbofóbicas, desde aquelas que partem de comentários sutis e despretensiosos, até as mais escancaradas práticas de violação. As problematizações e reflexões em torno do material coletado identificam, afirmam e reivindicam que os diversos mecanismos constatados, como a produção e reprodução de estigmas e estereótipos, a fetichização do corpo lésbico e a invisibilização destas existências sejam reconhecidos como expressões concretas de lesbofobia.

Evidenciando-se as lesbianidades enquanto construção, processo e vivência que provocam rupturas na ordem heterossexual instituída, a existência lésbica deve ser percebida a

partir de um efeito político, o qual se expressa, entre outras dimensões simbólicas e materiais, na recusa do acesso masculino aos corpos lésbicos. Reconhecendo-se o potencial subversivo revelado pela experiência da lesbianidade, a heterossexualidade, compulsoriamente instituída e imposta como possibilidade única de vivência da sexualidade, cria, sustenta e repercute estratégias para a contenção e negação de tal rebeldia.

Os estigmas e estereótipos, ao fixarem-se na figura lésbica, marcam as representações sobre estas mulheres de modo a renegá-las ao campo das indefinições e impossibilidades. Estigmatizando-se, diminui-se ao ponto da inexistência.

A fetichização, que opera ao intensificar a objetificação dos corpos lésbicos, ao submetê-los ao olhar masculino, desqualifica, deslegitima e desautoriza a expressão da lesbianidade cuja substância e materialidade trata-se, exclusivamente, da identificação e do afeto entre mulheres. Enquanto objetos fetichizados, as lésbicas não representam uma ameaça, mas servem ao entretenimento e satisfação dos desejos masculinos.

Conjuga-se aos mecanismos supracitados a invisibilização lésbica. Aliás, a invisibilidade não apenas imbrica-se, mas trata-se de processo e produto destes elementos. A estigmatização, ao negar a existência, invisibiliza. A construção fetichizada da mulher lésbica, pactuada com a indústria pornográfica, que erotiza, que transforma corpos de mulheres em carne a ser devorada, ao passo que alude à apropriação destes corpos pelo desejo masculino, distorce e apaga a experiência lésbica, tornando-a invisibilizada.

Todos estes elementos aparecem, isolados ou articulados, em algum ou em vários momentos das entrevistas realizadas com cada uma das sujeitas desta pesquisa. As mais diversas situações em que se concretizam manifestações lesbofóbicas impactam significativamente na vida destas mulheres, e não se tratam de questões pontuais, mas de uma série de violações postas no cotidiano das lésbicas. Violências como a psicológica, moral, física e sexual são alguns exemplos da extremidade a qual se demonstra a lesbofobia.

Por fim, faz-se necessário contextualizar a produção deste estudo a partir de um compromisso ético-político, de modo a reafirmar a imprescindibilidade do questionamento da norma hegemônica heterossexual que, alicerçada aos discursos predominantes, deturpa, nega e apaga as demais expressões e manifestação da sexualidade na realidade social. Além disto, marca este artigo o ecoar das vozes lésbicas aqui recuperadas, como uma potente estratégia de inversão do instituído, ou seja, visibilizando-se mulheres lésbicas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angela Maria de O. Abordagem Societal das Representações Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 713-737, set./dez. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922009000300005&script=sci_abstract&tIng=pt. Acesso em: 03 ago. 2020.
- ARAGAKI, Sérgio Seiji; LIMA, Maria Lúcia Chaves; PEREIRA, Camila Claudiano Quina; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do. Entrevistas: negociando sentidos e coproduzindo versões da realidade. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jaqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do; CORDEIRO, Mariana Prioli (org.). **A produção da informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014, p. 57-72.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*: possibilidades de legitimação e transgressão**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17258>. Acesso em: 10 set. 2020.
- CERQUEIRA, D. *et al.* **Atlas da Violência 2018**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fórum Brasileiro de Segurança Pública: Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018>. Acesso em: 21 set. 2020.
- GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **Relatório 2018: Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil**. Salvador: GGB, 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001, p. 1-21.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). **Textos em Representações Sociais**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 63-85.
- LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1976-2006)**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3411>. Acesso em: 12 jul. 2020.
- LORDE, Audre. **Não existe hierarquia de opressão**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 235-249.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 7-109.

NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

NAVARRO-SWAIN, Tania. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. **Labrys**, estudos feministas, Brasília, n. 6, ago./dez., 2004. Disponível em: <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/lesb/anahita.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2020.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Revista de Estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal, v. 4, n. 05, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309#:~:text=Em%20cl%C3%A1ssico%20artigo%20feminista%2C%20a,retira%20o%20poder%20das%20mulheres.&text=De%20acordo%20com%20sua%20cr%C3%ADtica,experi%C3%A4ncias%20de%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20entre%20mulheres>. Acesso em: 23 set. 2020.

ROCHA, Francielle Lopes. **Invisibilidade, lesbofobia e fetichização da mulher lesbiana** como violações aos direitos da personalidade e aos direitos fundamentais. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas) – Centro Universitário de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/xmlui/handle/123456789/981>. Acesso em: 10 set. 2020.

SELEM, Maria Célia Orato. **A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2397>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SILVA, Zuleide Paiva. **“Sapatão não é bagunça”**: estudo das organizações lésbicas da Bahia. 2016. Tese (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24026>. Acesso em 27 nov. 2020.

TOLEDO, Livia Gonsalves. **Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades** e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/97601>. Acesso em: 06 set. 2020.